

LETRAMENTO DE (RE) EXISTÊNCIA: O DIREITO À LITERATURA

Francisca Carolina Lima da Silva¹Jade Luiza de Andrade Ferraz²Matheus Antonio Alex Lima da Silva³Maria Carla da Silva Pereira⁴Allan Vieira de Souza⁵

Área Temática: Educação.

RESUMO

A democratização do acesso ao ensino superior trouxe notáveis melhorias ao sistema educacional, sobretudo em decorrência do aumento do número de professores qualificados. Mesmo assim, percebemos que são muitas as dificuldades a serem enfrentadas para que haja um desenvolvimento efetivo da educação brasileira em todas as regiões. Nesse contexto, com o objetivo de trabalhar a leitura literária “extraclasse”, através das práticas extensionistas do clube de leitura, formando leitores críticos e compreensivos, e promovendo a leitura literária como sinônimo de resistência, o presente projeto foi desenvolvido com as crianças e jovens da ONG “Conselho de Pais”, que atende à comunidade campossalense através de projetos voltados para a inserção social e letramento, através da cultura, leitura, música e artes no geral. Os encontros do clube de leitura foram executados de forma construtiva durante o ano letivo, através de oficinas, rodas de conversas e produção de leituras artísticas e debate de textos literários. Assim, as crianças atendidas pelo projeto puderam explorar o universo da literatura, desenvolvendo habilidades de leitura e escrita de forma criativa e engajadora. Conclui-se que o projeto não só garantiu o acesso à literatura, mas também contribuiu para a formação de leitores mais críticos e conscientes.

Palavras-chave: Leitura; Literatura Marginal; Formação de leitores.

LITERATURE OF (RE) EXISTENCE: THE RIGHT TO LITERATURE

ABSTRACT

The democratization of access to higher education has brought notable improvements to the educational system, especially as a result of the increase in the number of qualified teachers. Even so, we realize that there are many difficulties to be faced so that there is an effective development of Brazilian education in all regions. In this context, with the aim of working on “extra-class” literary reading, through the extensionist practices of the reading

¹ Coordenadora do projeto “Vamos ler o mundo”, UFPI, Departamento de Linguas e Literaturas, Curso de Letras, Brasil, E-mail: carolina.silva@urca.br, ORCID: 0000-0001-7888-8925.

² Coordenadora adjunta do projeto “Vamos ler o mundo”, Doutoranda em Estudos da Linguagem (PPgEL-UFRN-Capes), Brasil, E-mail: jade.ferraz.069@ufrn.edu.br, ORCID: 0000-0001-8986-3897.
Doutoranda em Estudos da Linguagem (PPgEL-UFRN-Capes)

³ Voluntário do Conselho de Pais de Campos Sales, URCA, Brasil, E-mail: matheus.antonio@urca.br.

⁴ Voluntária do Conselho de Pais de Campos Sales, Mestrado em Educação, URCA, Brasil, E-mail: mcarla.silva@urca.br

⁵ Bolsista do projeto “Vamos ler o mundo”, URCA, Departamento de Linguas e Literaturas, Curso de Letras, Brasil, E-mail: allansouza2341@gmail.com



club, forming critical and understanding readers, and promoting literary reading as a synonym of resistance, this project was developed with the children and young people of the NGO “Conselho De Pais”, which serves the campossalense community through projects aimed at social insertion and literacy, through culture, reading, music and Arts in general. The meetings of the Reading Club were carried out constructively during the school year, through workshops, conversation rounds and the production of artistic readings and debate of literary texts. Thus, the children served by the project were able to explore the universe of literature, developing reading and writing skills in a creative and engaging way. It is concluded that the project not only ensured access to literature, but also contributed to the formation of more critical and conscious readers.

Keywords: Reading; Marginal Literature; Reader training.

1 INTRODUÇÃO

Todas as definições de Literatura são parciais, mas convergem na ideia de que a expressão literária é um objeto artístico que exterioriza vivências, sentimentos e vontades dos homens em contextos variados de tempo e espaço. Neste texto, definimos a literatura como uma expressão artística que utiliza a palavra, escrita ou oral, imagens e outros recursos para envolver o leitor em um processo de construção e reconstrução de significados, a partir da perspectiva de que as histórias literárias geram novas narrativas, explorando as possibilidades da linguagem.

Assim, compreende-se que esta forma de arte é uma fonte inesgotável de projeção e produção de saberes, bem como recurso de materialização de denúncia social e abertura para o diálogo de temas transversais, que atravessam a realidade do homem e suas relações, tornando-se fundamental na formação de sujeitos leitores críticos e reflexivos na atual conjuntura do mundo. Além de desenvolver a competência comunicativa dos estudantes, a literatura propicia a criação cultural e a exteriorização de saberes, como sugere Mia Couto: “Ao lado de uma língua que nos faça ser mundo, deve coexistir uma outra que nos faça sair do mundo...” (Couto, 2011, p.12).

Textos literários ampliam o conhecimento de mundo dos alunos e incentivam uma leitura crítica que vai além da palavra escrita, viabilizando a compreensão de universos simbólicos. Nesse contexto, a literatura permite que o leitor vivencie realidades simuladas, desenvolvendo empatia e experiências, como discutido por Brunmer: “Só podemos viver nas histórias que lemos ou ouvimos. Vivemos nossas próprias vidas através do texto” (Brunmer *apud* Colomer, 2007, p. 32).



Dessa forma, nosso texto aborda, também, os desafios da formação do leitor literário, levando em consideração que a literatura como entretenimento e formação subjetiva enfrenta competição com novas tecnologias. É necessário, portanto, adaptar o ensino de literatura ao novo perfil de estudante em vigor, caracterizado por maior autonomia e pelo uso das novas tecnologias (Colomer, 2007, p. 22).

Mas, se faz importante destacar que os caminhos que temos trilhado vem referenciando o lugar da literatura na escola, conforme argumenta o professor Claudicélio Rodrigues (2016), para quem desde a Lei das Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, “novos parâmetros surgiram para nortear a reelaboração de um currículo e de práticas pedagógicas que propiciem ao aluno a possibilidade de lidar com situações práticas, com conhecimentos constituídos de um saber fazer aliado a um saber ser” (Rodrigues da Silva, 2016, p. 32).

Este projeto surgiu, portanto, em consonância com essa discussão e com o trabalho como docente no curso de Letras da Universidade Regional do Cariri, na cidade de Campos Sales-CE, onde observamos que os alunos que integram o *Campus* avançado Bárbara de Alencar chegam à universidade com muitas dificuldades de leitura e escrita, além de uma experiência leitora ainda bastante defasada, ou quase inexistente, advindas, principalmente, do ensino básico, chegando até o ensino superior.

Embora a escola desempenhe papel fundamental na formação do leitor literário e incentivo à leitura, a educação literária desenvolvida na Educação Básica brasileira ainda enfrenta desafios relacionados às práticas de ensino e de mediação da leitura. Nesse contexto, determinadas formas de abordagem do texto literário podem contribuir para o distanciamento dos estudantes da experiência leitora, sobretudo quando a literatura é trabalhada de maneira fragmentada ou subordinada a objetivos predominantemente didáticos e gramaticais. Oliveira (2020) ressalta a necessidade de repensar as práticas de ensino de literatura e de leitura literária, considerando as experiências e os contextos socioculturais dos estudantes. De modo semelhante, Moraes e Machado (2021) apontam dificuldades na formação literária na Educação Básica e defendem maior atenção às vivências dos alunos e à formação docente. Mais recentemente, Pacheco e Paula (2026) ressaltam que práticas fragmentadas e a subordinação da leitura literária ao ensino gramatical constituem obstáculos à formação do leitor literário.

Entendendo a leitura como vital para o desenvolvimento social, o projeto busca



amenizar algumas dessas deficiências do sistema educacional observadas entre os alunos da URCA Campus Bárbara de Alencar no tocante à relação ensino-aprendizagem de leitura, a formação de leitores e a experiência da leitura na formação subjetiva e comunitária. A proposta pedagógica integra conhecimentos de Linguística, Literatura e Pedagogia, considerando essas áreas interdependentes para o desenvolvimento humano.

Ademais, a literatura marginal e periférica foi escolhida como foco temático por possibilitar reflexões sobre identidade, representação e diversidade de experiências na literatura contemporânea. Compreende-se que a inserção desses repertórios no espaço de leitura pode favorecer a aproximação dos estudantes com diferentes linguagens, temas e experiências sociais, fatores que ampliam suas possibilidades de identificação e de construção de sentidos diante do texto literário. Encontramos respaldo para essa escolha em Tennina, Pinheiro e Souza (2021), que discutem letramentos literários de reexistência, que evidenciam o potencial da literatura marginal periférica para ampliar repertórios, ressignificar práticas de leitura e aproximar práticas culturais não escolares do contexto educacional.

O projeto teve como objetivo principal contribuir para a formação de leitores críticos e reflexivos através da leitura literária “extraclasse”, com atividades extensionistas no clube de leitura, criando um espaço de diálogo entre universitários e alunos da educação básica. Alguns objetivos complementares incluídos identificam as dificuldades de leitura na formação básica, descrevem propostas metodológicas de leitura e diferenciam a prática escolar da leitura colaborativa no clube. Tudo isso na tentativa de reconstruir a prática leitora autônoma dos alunos, superando dificuldades advindas da educação básica, e promovendo a leitura literária como sinônimo de resistência. Assim, o “clube de leitura” representou uma atividade cultural de incentivo à prática leitora, com potencial para contribuir para o desenvolvimento do letramento literário e para a ampliação das experiências formativas e culturais dos participantes.

2 REVISÃO DA LITERATURA OU REFERENCIAL TEÓRICO

Os questionamentos acerca da função social da leitura literária vêm sendo colocados há bastante tempo, primordialmente pelos pesquisadores em Educação, Literatura e Linguística. No entanto, é, também, um tema quase inesgotável pela



relevância pedagógica, social e humanizadora que tem a leitura. É também um assunto que, exaustivamente, se debate nas escolas e nos documentos oficiais que traçam os parâmetros para o ensino de Língua Portuguesa no Brasil.

Desse modo, nos questionamos “O que é a leitura?”, “Qual a sua função social?”, “Por que a leitura literária é vista como algo benéfico, mas, não é praticada?”. Enquanto questões norteadoras básicas de uma pesquisa, estas parecem ser perguntas fáceis de respondermos. De maneira objetiva, poderíamos dizer que a leitura é uma habilidade que adquirimos nos anos escolares iniciais, e que é uma obrigação da escola prover um ensino capaz de fazer com todas as crianças a dominem. Sua função social estaria ligada, portanto, às práticas pedagógicas alfabetizadoras, dessa forma, a leitura tem a função de levar os sujeitos sociais a decodificarem o mundo das palavras, inserindo-os nas atividades de letramento.

No Brasil, talvez no resto do mundo, é impossível falarmos de leitura sem citarmos o trabalho de Paulo Freire. De acordo com a concepção de leitura alfabetizadora de Freire (1982), antes mesmo de iniciarmos a leitura da palavra, nos ditames da alfabetização escolar, já somos capazes de ler o mundo. Isso significa dizer que a interpretação textual, para além da realização de um trabalho cognitivo e linguístico, é um exercício sócio historicamente situado, uma vez que é impossível dicotomizar o uso da linguagem do meio social no qual ela é usada, produzida e reproduzida. Segundo o alfabetizador:

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (Freire, 1982, p. 13).

Assim, antes mesmo de adentrarmos ao espaço escolar, já conseguimos interpretar o mundo ao nosso redor, uma vez que já estamos em contato com textos diversos e construindo sentidos para tudo o que nos rodeia. A fala de Freire (1982) representa, à sua forma, uma visão ampla do ato de ler, pois correlaciona e condiciona a ação de alfabetizar ao desenvolvimento dos sujeitos sociais, demarcando o território político e econômico no qual o estudante está situado, possibilitando seu despertar ideológico para o lugar em que



ocupa dentro do seu meio.

Mas a grande questão que se coloca como resultado dessa discussão é: o que explica o fracasso da educação leitora? Esse é o questionamento que conduz as reflexões do texto “A literatura vai à escola, mas será que ela entra?”, do professor Claudicélio Rodrigues da Silva, publicado na coletânea *Literatura e Ensino: Reflexões, diálogos e interdisciplinaridade* (2016). No texto, o professor destaca que além do desajuste escolar e da modificação na forma como as obras circulam na sociedade, avulta o tipo de literatura que ainda insistimos em oferecer a nossos jovens, bem como na forma como a fazemos, que mais os afasta do que aproxima. Em resumo,

Neste novo marco conceitual ficou claro que o interesse da formação literária na escola não tem como raiz a transgressão de um discurso estabelecido sobre as obras, mas que a educação literária serve para que as novas gerações incursionem no campo do debate permanente sobre a cultura, na confrontação de como foram construídas e interpretadas as ideias e os calores que a configuram. Por conseguinte, trata-se de desenvolver uma capacidade interpretativa, que permita tanto uma socialização mais rica e lúcida dos indivíduos como a experimentação de um prazer literário que se constrói ao longo do processo. (Colomer, 2007, p. 29)

Por todas essas e outras razões, a literatura é um recurso que incute múltiplas possibilidades, pois segundo o professor Claudicélio, “o conhecimento da literatura deve ser uma experiência pessoal de procura de um sentido para o ser e o estar no mundo” (Rodrigues da Silva, 2016, p. 36), e oportuniza uma vontade de entendimento sem arrogância, “que nos coloca em contato com algo que pode até não fazer sentido num mundo em que tudo deve servir para algo” (Rodrigues da Silva, 2016, p.37).

Proporciona também a possibilidade para que os indivíduos cresçam intelectualmente e humanamente, visto que “seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores” (Compagnon, 2009, p. 51). Entretanto, ela, a literatura, só não deve servir para afastar os alunos como comumente acontece quando recorremos a ela como recurso de mera exemplificação de metalinguagem. Torna-se, assim, relevante enfatizar que o professor precisa estar consciente não só dessa utilidade da literatura, mas também do que ele não deve fazer com textos literários.



Cândido (2014), por sua vez, expõe o papel humanizador da literatura, colocando-a como uma necessidade vital aos seres humanos, historicamente, ela vem exercendo o papel claro de manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Assim, não existe a possibilidade de que possamos viver numa sociedade sem fabulação, sem narrativa, sem poesia, sem imaginação e sem criatividade. Para ele, e para nós, a literatura atua sobre o consciente e o inconsciente humano, não há equilíbrio social sem literatura e sem a difusão das práticas letradas.

Assim, para ensinar literatura em um novo contexto social cabe aos professores não somente exercitarem a paciência, mas, redescobrirem-se ou (re)formarem-se enquanto leitores. No âmbito educacional, a infeliz máxima “faça o que eu digo e não o que eu faço” não funciona. Há de se educar e estimular os alunos, sobretudo, pelo gosto e pelo exemplo. Como Freire (1993) muito bem coloca nas cartas em que escreveu às jovens professoras, na obra “Professora sim, Tia não”, não podemos cair na hipocrisia autoritária de oferecer uma farsa aos alunos, na escola não há espaço para quem somente se diz letrado ou educado, é preciso que isso esteja claro na prática. Por conseguinte, o professor precisa aproximar-se primeiramente dos livros, só depois de degustá-los e de reconhecer o papel da literatura na vida humana é que ele terá os meios para influenciar alunos leitores capazes de interpretar e ler a própria realidade.

A aproximação do professor com as obras, seja pelo conteúdo temático, pelo estilo dos autores ou pela causa que evocam, é o que faz com que o aluno se inspire e se sinta atraído pela literatura. Como a literatura nasce da insatisfação do Homem ante a realidade que lhe cerca, nas palavras de Vieira (2014, p.65), “logo, é preciso dilatá-la no campo do “acontecível” e, por sua vez criar uma realidade segunda”.

Ademais, faz-se pertinente acrescentar que em momentos da história como este, em que a sociedade tende a ter um “pensamento único”, em que a criatividade e as artes são banidas, a literatura emerge como força de resistência e como contraponto ao rechaço sofrido mediante governos autoritários e apagamento da interpretação textual (no sentido de “inferiorização” dos diversos discursos socialmente situados). Por isso, a relevância de um ensino pautado na emancipação dos sujeitos sociais se faz necessário.

Assim, tendo como ponto de partida as concepções de leitura interdisciplinares aqui expressas, é que nos sentimos instigados a criar um espaço de leitura que leve em consideração a complexidade psicológica, social, histórica e cultural desse ato. Já que a



leitura é, antes de tudo, um jogo interativo de construção de sentidos que não se dá de forma unilateral, por que não criar um momento coletivo de leitura compartilhada? Para tanto, precisamos ter em mente que o Clube de Leitura não deve ser somente um espaço físico com uma estrutura física e material adequado, onde a leitura se dá de forma autônoma e autodidata, e sim um espaço de mediação de leitura que busca manter o leitor interessado e assíduo.

Nesse sentido, se justifica também a escolha da temática norteadora de nosso projeto: “Literatura marginal e periférica”, tendo em vista o problema da valorização dessas literaturas, assim como sua inserção na academia e nas escolas ser complexo, merecendo, portanto, uma consideração atenta. Assim, cabe observar o que se poderia compreender sob a expressão “literatura marginal/periférica no Brasil”: sob uma acepção artística, “marginais são as produções que afrontam o cânone, rompendo com as normas e os paradigmas estéticos vigentes” (Oliveira, 2011, p. 31). Marcadas pelas produções literárias do Brasil contemporâneo, originadas nos espaços da neofavela⁶, os textos marcados por essa categorização trazem à tona uma nova forma de perspectivar o mundo e produzir identidades, sob o prisma de sua condição periférica, condicionada à margem, o que significa dizer que tais escritos são situados na relação com o modelo hegemônico, mas necessariamente em confronto com ele, e produzem uma postura pautada na coletividade, na união dos povos periféricos na constituição de um novo discurso, oriundo, agora, do seu lugar de voz.

O tom da voz dos escritores periféricos confere um sentido de performance a seus textos, cujo modo de existência é marcado pela expressão de uma voz intimamente associada a uma atuação do sujeito na realidade. Sendo assim, “o texto não é o produto final da atividade criativa, mas um ato de intervenção e participação na vida da comunidade onde ele se produz e circula” (Oliveira, 2011, p. 34). Nessa perspectiva, a literatura pode ser percebida em seu poder movedor e transformador, uma vez que age, efetivamente, na realidade.

3 METODOLOGIA

⁶ Em *Cidade de Deus*, Paulo Lins vale-se do termo “neofavela” para designar a nova configuração da favela, a partir da entrada do tráfico de drogas e do crime organizado: “Aqui agora uma favela, a neofavela de cimento, armada de becos-bocas, sinistros-silêncios, em gritos-desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas” (LINS, 2002, p. 16).



O projeto teve início com a formação do grupo de leitura em parceria com a ONG “Conselho de Pais de Campos Sales,” que promove a inserção social e o letramento de crianças e jovens carentes, entre 12 a 16 anos de idade, por meio da cultura, leitura, música e artes⁷.

Todas as atividades foram realizadas na sede da ONG, com o uso de seus recursos e espaços. Além disso, o projeto integrou crianças e adolescentes atendidos pela ONG, ampliando o alcance de nossas ações e possibilitando o acesso ao nosso público-alvo — jovens em situação de vulnerabilidade social nas áreas marginais de Campos Sales.

Os encontros semanais com o grupo de jovens foram mediados por um aluno bolsista e voluntários da ONG, com rodas de leitura focadas em temas transversais. As professoras orientadoras supervisionavam a curadoria das obras e as metodologias de leitura e discussão.

O projeto foi realizado entre março e novembro de 2024 na sede da ONG Conselho de Pais de Campos Sales, alcançando aproximadamente 20 crianças e jovens de forma contínua, através das reuniões semanais do clube de leitura. Observamos uma reaproximação inspiradora desses jovens, em situação de vulnerabilidade social, com a leitura como ferramenta de transformação. Além dos encontros, houve momentos espontâneos de leitura e atividades de escrita e produção criativa, beneficiando diretamente cerca de 30 pessoas ao todo, entre março e novembro de 2024.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitos participantes, o público atendido pela ONG Conselho de Pais de Campos Sales, ingressaram no projeto com dificuldades relacionadas à leitura e à interpretação de textos, aspecto que notabilizou desafios ainda presentes no processo de formação leitora na Educação Básica, sobretudo no contexto da rede pública de ensino. Essas dificuldades foram consideradas ao longo do desenvolvimento das atividades e orientaram a escolha das estratégias de mediação, dos textos e das propostas de discussão. A participação no

⁷ Em 2018, o Conselho de Pais recebeu o selo UNICEF devido a um projeto de Literatura de Cordel, o que ampliou o acervo de sua biblioteca comunitária, uma das mais notáveis da região, alinhada com a proposta do nosso projeto, e oferecendo espaço adequado para nossas práticas. Essa parceria resolveu a dificuldade advinda da ausência de um acervo literário no campus.



projeto possibilitou aos estudantes o contato com diferentes gêneros, autores e perspectivas literárias, além da criação de espaços para a expressão de suas próprias experiências e interpretações. Ao longo das atividades, observaram-se avanços no envolvimento dos participantes com as práticas de leitura, bem como maior disposição para a discussão dos textos e para o compartilhamento de suas percepções. Tais aspectos indicam o potencial de iniciativas dessa natureza para ampliar as experiências literárias dos estudantes e favorecer sua aproximação com a leitura.

A partir das experiências desenvolvidas, consideramos que os objetivos propostos pelo projeto foram alcançados de maneira satisfatória, principalmente no que se tange à criação de um espaço de incentivo à leitura, à valorização da literatura e à interação entre os participantes. A continuidade das atividades após o encerramento do financiamento demonstra, ainda, a relevância atribuída ao projeto pelos envolvidos e o interesse em preservar o clube de leitura como espaço de encontro, formação e circulação de diferentes experiências literárias. Nesse sentido, a permanência da iniciativa também representa uma possibilidade de continuidade das ações de incentivo à leitura para além do período inicialmente previsto.

Além das contribuições destinadas aos participantes, o projeto proporcionou experiências formativas para o aluno bolsista e para os voluntários envolvidos em sua execução. A participação na organização dos encontros, na seleção e mediação das leituras, no planejamento das atividades e no acompanhamento dos participantes exigiu o desenvolvimento de diferentes competências relacionadas à atuação docente. Para os estudantes de Letras, essa vivência assume particular relevância, uma vez que aproxima os conhecimentos discutidos no espaço universitário das demandas e especificidades encontradas em contextos reais de formação de leitores.

Dessa forma, o projeto também contribuiu para fortalecer a relação entre universidade e comunidade, ao estabelecer um espaço de diálogo e troca de experiências em torno da literatura e da leitura. O projeto, portanto, assumiu uma dimensão formativa para os envolvidos, unindo incentivo à leitura, formação docente e compromisso social da universidade.

4.1 Leitura por fruição

Um dos objetivos priorizados no projeto foi a leitura por fruição, que se refere à



prática de ler de forma prazerosa, em que o foco está na experiência estética e emocional que o texto proporciona. Aqui, temos o registro dessa atividade realizada em um dos encontros realizados semanalmente:

Imagem 1: Leitura individual anterior à roda de conversa



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

O objetivo dessa atividade era permitir que as crianças e adolescentes se conectassem com a obra, desfrutando das palavras, das imagens que elas evocam e das emoções que elas despertam. Cada criança escolheu o livro que mais lhe chamou atenção, sem critérios prévios além da observação empírica e subjetiva, realizou a leitura em um espaço aconchegante na biblioteca da ONG, e posteriormente realizamos uma roda de conversa sobre as impressões dos participantes em relação às leituras, sem a pressão de análises críticas rigorosas, embora o foco seja no prazer da leitura, discussões informais podem levar a reflexões mais profundas sobre temas e contextos. A leitura por fruição é uma forma de conectar pessoas com a literatura e entre si, ao promover essas atividades em um ambiente onde o prazer da leitura é colocado em primeiro plano, esses momentos ajudam a cultivar uma cultura literária rica e inclusiva.

4.2 Leitura do conto “A outra Margem”: Reflexão e produção artística

O conto “A outra margem”, da autora Conceição Evaristo, incluído no livro *Olhos d’água* (2019), narra a história de uma mulher que vive à margem da sociedade, sob os estigmas do racismo estrutural, por ser mulher, negra e pobre, mas demonstra uma profunda resiliência que a ajuda a lutar por seus sonhos e encontrar seu lugar no mundo. Essa leitura foi proposta no grupo com o objetivo de compreender a história e refletir

sobre temas como marginalidade e superação.

Imagem 2: Roda de leitura e conversa mediada por um bolsista do projeto.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Inicialmente, realizou-se a leitura coletiva do conto, seguida de uma conversa com as crianças sobre as diferentes formas de vivenciar situações de exclusão e marginalização. A discussão abordou questões relacionadas ao racismo e às violências decorrentes da discriminação, bem como atitudes de respeito, acolhimento e inclusão no convívio cotidiano. A partir da narrativa, os participantes foram convidados a refletir sobre as situações em que pessoas de grupos sociais minoritários podem se sentir excluídas e sobre as formas de contribuir para a construção de relações mais respeitosas e inclusivas. Também foram propostas questões que estimularam as crianças a pensar sobre como poderiam apoiar pessoas que vivenciam situações de exclusão em seus diferentes espaços de convivência.

Após o momento de leitura e discussão, foi realizada uma atividade de caráter criativo, na qual as crianças puderam relatar uma situação em que se sentiram fortes diante de alguma dificuldade, estabelecendo uma relação com a trajetória da personagem do conto. A proposta buscou valorizar as experiências individuais dos participantes e estimular a reflexão sobre os recursos, pessoas e situações que contribuíram para o enfrentamento desses momentos. Desse modo, atividade uniu a leitura literária à expressão das experiências pessoais das crianças, criando um espaço de diálogo sobre sentimentos, identidade, pertencimento e estratégias de enfrentamento diante de situações adversas.

4.3 Varal Literário

A atividade do varal literário foi pensada para incentivar a leitura e a apreciação da



literatura de forma criativa e interativa entre crianças e adolescentes. Livros de diferentes gêneros, como contos, poesias, poemas e fábulas, foram pendurados em um espaço aconchegante, com tapetes, barbantes e materiais como lápis e canetas.

Cada criança escolheu um gênero de sua preferência e fez sua leitura. Em seguida, foram convidadas a criar suas próprias produções para um novo varal: resumos de livros e gêneros lidos, ilustrações inspiradas em personagens ou cenas, e poesias que expressassem as emoções da leitura. O varal montado com essas produções promoveu a leitura, estimulou a criatividade e a expressão pessoal, engajando os participantes e fortalecendo uma comunidade literária vibrante.

4.4 Vozes marginais

A atividade de leitura teve como foco obras de escritores negros que abordam temas relacionados à marginalidade, ao racismo e a diferentes questões sociais presentes na realidade contemporânea. A seleção dos textos considerou a possibilidade de ampliar o repertório literário dos participantes e favorecer o contato com diferentes perspectivas, experiências e formas de representação. Para a organização da atividade, foi elaborado um cronograma de leituras e definidos momentos destinados à discussão coletiva das obras. Durante esses encontros, os participantes foram convidados a compartilhar suas impressões, interpretações e questionamentos, estabelecendo relações entre os textos literários e situações presentes em seu cotidiano.

A proposta possibilitou o contato com questões sociais por meio da experiência literária, favorecendo discussões sobre identidade, desigualdade, racismo e diferentes formas de exclusão. As discussões também ofereceram aos jovens um espaço para expressar suas experiências e atribuir novos sentidos às obras a partir de seus próprios repertórios. A atividade também reforçou a importância de práticas de leitura que considerem o estudante como sujeito ativo na construção de sentidos e que valorizem a diversidade de vozes presente na produção literária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados observados ao longo do projeto foram significativos tanto para o



aluno bolsista e os colaboradores quanto para as crianças e os jovens participantes. A realização das atividades possibilitou o contato com diferentes estratégias de ensino e abordagens pedagógicas. A diversidade de perfis e necessidades apresentada pelos participantes também exigiu adaptações nas propostas, o que possibilitou uma compreensão mais ampla sobre a importância de considerar as especificidades dos sujeitos no processo de ensino e aprendizagem.

No que se refere às crianças e aos adolescentes, as atividades proporcionaram oportunidades de contato sistemático com diferentes obras, autores e gêneros literários, além de espaços destinados à discussão e à interpretação dos textos. Ao longo do projeto, foram observados maior envolvimento dos participantes com as propostas de leitura, participação nas discussões e disposição para compartilhar suas interpretações e experiências. Esses aspectos sugerem contribuições para o desenvolvimento das práticas leitoras e para a ampliação do repertório literário dos participantes, embora não permitam afirmar, de forma isolada, uma transformação definitiva de suas habilidades de leitura.

Nesse sentido, o projeto ultrapassou o intuito de simples acesso às obras literárias: as atividades favoreceram o contato das crianças e dos jovens com diferentes perspectivas e temáticas sociais, bem como a construção coletiva de sentidos a partir dos textos. Dessa forma, a experiência desenvolvida reforçou a importância de iniciativas que ampliem o acesso à literatura e criem condições para que os participantes estabeleçam relações mais significativas com a leitura, reconhecendo-a como uma prática cultural, formativa e socialmente relevante.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos à ONG Conselho de Pais de Campos Sales, seus colaboradores e aos participantes do projeto pela acolhida, parceria e contribuição. Estendemos nossos agradecimentos à Universidade Regional do Cariri (URCA) pela oportunidade e pelo suporte à realização do projeto, bem como à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelo financiamento da bolsa que viabilizou sua execução.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**; *In*: O direito à literatura. Org.: LIMA, A. de. Recife: Ed. Universitária da UFPE; 2014. 2º ed. p. 17-40.

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano? e outras interinvenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Prefácio de Antonio Joaquim Severino. São Paulo, Cortez / Autores Associados, 1982.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho D'Água, 1993.

MORAIS, Gabriela Mendes; MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins Silva. O ensino de Literaturas na Base Nacional Comum Curricular do Ensino médio: apontamentos críticos. **Caletoscópio**, v. 9, n. 2, 2021.

RODRIGUES DA SILVA, Claudicélio. **A literatura vai à escola, mas será que ela entra?**; *In*: Literatura e Ensino: diálogos e interdisciplinaridade. Org.: SIQUEIRA, A.M.A. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 29-38.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. Práticas de ensino de literatura e de leitura literária. **Revista Graphos**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 79-95, 2020.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta. **Literatura marginal**: questionamentos à teoria literária. *Revista Ipotesi*, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011.

PACHECO, Henrique Moreira; PAULA, Douglas Ferreira de. Ensino de literatura: a leitura literária nos anos finais do Ensino Fundamental. **Revista Educação e Linguagem RedLi**, v. 13, n. 1, 2026, e158.

TENNINA, Lucia; PINHEIRO, Marta Passos; SOUZA, Luiz Eduardo Rodrigues de Almeida. Práticas de letramentos literários de reexistência na oficina de sarau do Coletivo Sarau de Periferia. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 60.3, p. 659-669, set./dez. 2021.



VIEIRA, A.M.T., **A literatura como espaço do discurso, do debate e do contraditório**; *In: O direito à literatura*. Org.: LIMA, A. de. Recife: Ed. Universitária da UFPE; 2014. 2º ed. p. 55-76.

COMO CITAR

SILVA, Francisca Carolina Lima da Silva *et al.* Letramento de (re) existência: o direito à literatura. **Revista de Extensão - REVEXT**, v. 4, n. 2, p. 343-358, 2025.

Recebido em 24 de novembro de 2024

Aceito em 28 de outubro de 2025

